Legenda de Glória

Andrade Furtado

O Brasil mereceu o privilégio de nascer cristão... Num dia magnífico, à luz radiosa do sol tropical e ao som das ondas revôltas, um frade de hábito seráfico celebrou na ilha da Coroa-Vermelha a Primeira Missa em nossas plagas.

Foi o batismo da Nacionalidade... Vitor Meireles debuxou em tela imortal aquele flagrante, em que se vê surgir esta larga parcela do Universo na vida da Civilização.

Os índios admirados com o fastígio da cerimônia litúrgica fitavam o altar, onde frei Henrique de Coimbrà, trajando vistosos paramentos, agradecia a Deus a fortuna de uma viagem bonançosa. Pedro Álvares Cabral e os fidalgos portugueses, rodeados da tripulação, rezavam comovido salmo de ação de graças pelo êxito da aventurosa travessia.

Desde aí, a Pátria iniciou a sua tradição de fidelidade aos sentimentos e às aspirações da Igreja. O que foi a obra da catequese — autores dos mais brilhantes da nossa Literatura descrevem em páginas de uma eloqüência comovedora.

Tivemos a bênção da colonização latina, sob o influxo da verdade evangélica.

Há quem lamente não termos sido educados pelos invasores holandeses. Isso teria sido a quebra inevitável da nossa unidade geográfica. Ademais, na procedente observação de Assiz Brasil, poderíamos ser um país rico e próspero, mas não seríamos nós e sim os flamengos que hoje estariam gozando os bens dessa felicidade ...

Fomos forjados ao calor da Catolicidade. Isso significa que recebemos, desde os primeiros lampejos da nossa existência política, o eflúvio sobrenatural da bondade divina.

Ufanemo-nos da nossa origem espiritual! Ela fêz o milagre, como sucedera no Velho Mundo, durante o fla-

gelo dos bárbaros, de absorver e caldear os indígenas, atraindo-os para o progresso e o fortalecimento da comunhão social.

O Jesuíta chegou a estas paragens, após cinqüenta anos de lutas improfícuas, em prol da organização dos métodos de trabalho para se conseguir aldeá-los. No sul, em S.-Vicente, e no norte, em Pernambuco, escravizava-se o selvagem para os serviços da agricultura.

O caboclo não resistia ao esfôrço que dêle era exigido, e morria estafado sôbre o eito.

As tribos lançavam-se a represálias sangrentas, atacando nos seus sítios os portugueses expostos a duros reveses.

Com a chegada dos filhos de Santo Inácio de Loiola o quadro se modificou.

Aprenderam a lingua dos aborígenes e com êste instrumento de conquista levaram ao seio das tabas a palavra de atração para o convívio da fraternidade, à sombra da Cruz.

No dizer imaginoso de Varnhagem, êles foram outros Orfeus que souberam humanizar as feras ...

O quartel general da Companhia de Jesús estabeleceu-se na Baía. De lá partiram os padres em caminhadas exaustivas e gloriosas, na sua abnegação de encorporar ao reinado de Cristo os novos fiéis arrancados à floresta bruta.

Era a entrada dos Titãs na epopéia americana ...

O pó da catequese, aos quatro ventos, na expressão do maior poeta da raça, revoava nos céus ...

Ouçamos, textualmente, o bardo incomparável, a quem ninguém sobreleva no vôo condoreiro:

«Depois as solidões surprêsas viam
Esses homens inermes, que surgiam
Pela primeira vez.
E a onça, recuando, se esgueirava
ulgando o Crucifixo alguma clava,
Invencível, talvez.»

Era, de fato, inexpugnável a coragem dos átilas da Fé, dos vândalos sublimes do Cordeiro ...

«No entanto, êles só tinham na jornada
Por couraça, a sotaina esfarrapada
E uma cruz por bordão ...

. . . . . .

Um dia a taba do Tupí selvagem
Tocava alarma ... em baixo, na folhagem,
Rangera estranho pé.
O caboclo da rêde ao chão saltava,
A seta ervada o arco recurvava,
Estrugia o boré.

E o tacape brandindo a tribo fera
De um tigre ou de um jaguar ficava à espera
Com gesto ameaçador.
Surgia, então, no meio do terreiro
O padre calmo, santo, sobranceiro,
O Piaga do Amor!»

Êste conquistador manso, heróico, desarmado varou os ínvios sertões, transpôs torrentes caudalosas, subiu serranias altaneiras e foi ao intrincado das matas domar a altivez de jequitibás augustos, que desafiavam as fúrias dos vendavais e das tempestades ...

Nóbrega e Anchieta, exemplos singulares de exímios colonizadores, lançaram as bases da hegemonia brasileira na imensa extensão do Hemisfério.

Ouçamos o que escreveu a respeito um dos mais aprimorados cultores das nossas letras, Eduardo Prado:

«A obra dos Jesuítas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de seres que viviam como alimárias e cujos descendentes hoje vivem como homens.

São rios, lagos, montanhas e planícies revelados ao mundo por êsses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram santos, geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas, e cujas obras sôbre as nossas terras formam por si sós bibliotecas que a posteridade relê, sempre aprendendo.»

Subscrevemos do eminente homem de estudo o conceito lapidar: — pode dizer-se que as três grandes maravilhas dos Jesuítas na América foram o Brasil, o Canadá e o Paraguai ...

Quem haverá, portanto, em nosso país, capaz de desconhecer e, muito menos ainda, de contestar a benemerência patriótica dêsses precursores da formação da nossa unidade psíquica?

A maior glória de Portugal foi ter criado uma nação como a nossa, e a possibilidade dêste fato verdadeiramente extraordinário tem a sua explicação no ministério assombroso da catequese católica.

Disse Batista Pereira muito bem que é um êrro pensar que não temos um *sensorium* espiritual comum ...

«O Catolicismo moldou — no elegante conceito daquele sociólogo — os nossos antepassados e o seu influxo ainda sobrevive no inconsciente dos seus mais irredutíveis negadores.

É nêsse *substratum* moral, trazido pelos primeiros colonos, acendrado pelos primeiros Jesuítas, combatido pelo pombalismo, pelo enciclopedismo e pelo ateísmo, mas sempre dominante graças à sua preservação, principalmente no interior do País, pela fôrça da inércia e pelo respeito à tradição, que reside a mola das nossas ações e a explicação da nossa vida.»

Foi, antes de tudo, graças ao sacerdote da Igreja, guarda vigilante do patrimônio dos nossos princípios de dignidade e de fé, que se tem mantido através dos tempos a homogeneidade espiritual da Pátria.

Recordemos, de maneira rápida, algumas passagens da nossa História, em que a figura do padre prepondera como fulcro dos acontecimentos.

Quando a esquadra holandesa em 1624 fundeou na Baía-de-Tôdos-os-Santos, um bispo se colocou à frente das tropas para repelir as hordas agressoras.

D. Marcos Teixeira encarna a alma da resistência intrépida.

Pelo seu valor e a sua firmeza de atitudes é reconhecido o chefe natural para comandar a luta e dirigir a administração.

Conduz de ânimo resoluto os batalhadores da causa nacional e, dentro em pouco, a Cidade-do-Salvador estava sitiada . . .

Em circunstâncias igualmente excepcionais, no século seguinte, em 1710, vemos outro bispo, D. Manuel Álvares da Costa, assumir a direção dos negócios públicos em Pernambuco.

O governador Sebastião de Castro abandonou as rédeas do poder, na impossibilidade de dominar os desatinos decorrentes das rivalidades entre Recife e Olinda.

O Prelado, com a responsabilidade imposta pela difícil emergência, concedeu em nome do soberano a anistia aos implicados no movimento, conseguindo, por meio de medidas de convencimento e diplomacia, tudo pacificar.

Desde então, em tôdas as iniciativas cívicas, aparecem as batinas ao lado dos que pugnam pelos nossos direitos e liberdades.

Vemos Tiradentes, cercado por membros do Cle-

ro, bater-se em prol da Independência. São seus companheiros nas reüniões literárias e políticas o cônego Manuel Rodrigues da Costa e os padres Carlos Correia Toledo de Melo, José da Silva Oliveira Rolim, José Lopes de Oliveira, Francisco Vidal Barbosa e Matias Alves de Oliveira.

Ao padre Inácio Nogueira deveu Silva Xavier o refúgio onde se acolheu ao deflagrar a Inconfidência.

Em 1817, rompendo a revoluçao no Norte, inspirada pelo mesmo ideal da emancipação do País, foi constituído governador o padre João Ribeiro Pessoa e ministro do interior, outro sacerdote, o célebre padre Miguelinho — Miguel Joaquim de Almeida —, que lançou uma proclamação conciliadora, chamando ao grêmio da paz os espíritos aturdidos ante o fragor da revolta.

Em 1821, o cônego Januário da Cunha Barbosa, pelas colunas da imprensa, exalta a flama patriótica em favor da causa nacional. Frei Sampaio, à frente de um clube de reação, promove a resistência contra a partida do Príncipe. Sobreveio o episódio memoravel do *Fico*, que influíu diretamente para o desfecho das margens do Ipiranga. Através da agitação da época, na Baía, no Maranhão, em Minas e S.-Paulo salientam-se clérigos, membros dos cabidos e até bispos.

Para decidir dos acontecimentos em face das reprimendas, chegadas da Côrte de Lisboa contra o príncipe D. Pedro, cogitou-se mesmo de formar uma regência, com sede em Salvador, sob a direção do próprio arcebispo primaz.

Em 1822, o padre Antônio Diogo Feijó apresenta um projeto de autonomia das províncias brasileiras. Êste gesto, considerado leviano e inoportuno, pode ser tido como o ponto inicial da jornada vitoriosa em 7 de Setembro. Foi o brado prenunciador da nossa Liberdade. Seria longo enumerar os sacerdotes que se enfileiraram nas confederações reünidas em todos os quadrantes do nosso território, a fim de propugnar a separação. Entre mais de uma centena de peoneiros desta idéia, achavam-se os padres José Antônio dos Reis e Antônio Joaquim de Melo, chamados depois, respectivamente, aos sólios episcopais de Cuiabá e S.-Paulo.

O cenário do drama histórico de Piratininga foi preparado por um triunvirato, a que presidiu D. Mateus de Abreu Pereira, bispo diocesano. D. Pedro incluíu na sua comitiva o padre Belchior Fernandes Pinheiro, e, ao

soltar o grito de "independência ou morte", partiu dos lábios de um sacerdote a primeira aclamação ao jovem soberano!

Reünida a assembléia constituinte, de que participaram vinte sacerdotes, foi seu presidente o bispo capelão-mor D. José Caetano da Silva Coutinho.

D. Romualdo Seixas exerce papel relevante na fase de amotinação popular em 1831, conseguindo conjurar o perigo. Com a abdicação do primeiro Imperador, no início do novo período de govêrno, são as altas figuras do Clero que lideram o movimento de paz.

D. José Antônio dos Reis expõe a vida em Mato-Grosso para conter o quartel sublevado. D. João da Purificação Marques Perdigão, em Pernambuco, é o emissário das fôrças legais para conferenciar com os chefes rebeldes. No dizer de um comentador, êste mensageiro da concórdia conseguiu com os seus conselhos e lágrimas o que não alcançaram as baionetas.

Nas acerbas pendências partidárias posteriores, vemos o admirável Padre Feijó, com energia e tacto, constituir-se o gênio da ordem nos albores da nossa existência coletiva.

A êle se ficou a dever o restabelecimento da confiança no princípio da autoridade.

Na guerra do Paraguai, foram os padres anjos tutelares do exército expedicionário. A palavra de incentivo e o exemplo de coragem dos representantes da Religião infundiram no peito do soldado o sentimento de amor ao sacrifício pela salvaguarda da nossa soberania ultrajada. Ao lado de tudo isso, temos que reconhecer e exaltar o trabalho fecundo e permanente do humilde cura de almas, na assistência às populações espalhadas por tôda a configuração do mapa da Pátria.

É uma tarefa obscura e penosa a que exercem os vigários no pastoreio do seu rebanho. Longe, por vezes, dos centros cultos, sem o confôrto e as facilidades do progresso, votam-se de coração à obra meritória e insubstituível de mentores da consciência popular.

Em tôrno do pároco gira a vida intelectual de localidades perdidas na solidão longinqua das nossas matas.

A igreja, erguendo o campanário para o alto, aponta, à comunidade ambiente, a elevação dos destinos humanos.

E é o levita, no púlpito e no confissionário, a voz sagrada que prega a palavra de abnegação e de pureza

do Evangelho. São os ministros da Igreja os bastiões dos costumes tradicionais, dos sentimentos de honra, das nossas aspirações de fraternidade e de amor.

A êles se deve o liame que prende o habitante do sul e do norte, do litoral e da fronteira, no mesmo laço de íntima compreensão.

Mais do que a lingua e o sangue, a identidade de crença fortifica a argamassa social do monumento da nossa grandeza futura.

São, de fato, os continuadores dos primitivos apóstolos das selvas que mantêm acesa, na lareira dos nossos pagos, a chama crepitante das mais caras dedicações do nosso afeto a êste pedaço do mundo que a Providência fadou para *habitat* de um grande povo.

Vejamos na missão do padre o aspecto real de um apostolado edificante, que veio das nossas origens até os dias presentes, em que a Cruz, símbolo da nossa formação histórica, preside a tôdas as manifestações de tão soberbo desenvolvimento.

Maldizer do passado do Catolicismo no Brasil é uma profanação da legenda de glória, escrita pelos bandeirantes da Fé, através dos séculos de labor, para constituïção desta potência latina e cristã.

Capistrano, a maior autoridade no assunto, encarrega-se de afirmar, de maneira peremptória e absoluta, que os fastos da nacionalidade foram tecidos com os primores do heroísmo dos catequistas portentosos dêste pedaço livre da América.

Se, nos anais de todos os povos, o padre ocupa, via de regra, lugar primacial, — na Terra-de-Santa-Cruz é êle, para assim dizer, autêntico propulsor de todos os esplendores da Civilização.

É que à sua especialidade poderemos chamar a ciência de fazer criaturas de bem, caracteres de escolha, personalidades íntegras e sadias! Ensinar a sã doutrina ao povo com as luzes da inteligência e as irradiações da graça, é esparzir o maior benefício no seio da sociedade, para proveito da Pátria.

Por isso, não haveremos nunca de regatear aplausos à colheita de elementos para a Vinha do Senhor.

A messe é tão vasta!... Os operários são tão poucos! Quem contribue para aumentar a ceifa na Seara bendita, que loureja aos nossos olhos, recebe do Céu as bênçãos da munificência infinita.

São as Vocações Sacerdotais que reclamam, em

nossos dias, o zêlo dos que amám deveras a nobreza e a fidalguia da boa linhagem patrícia!

Concitem-se as famílias a contribuir com legítimo e espontâneo gáudio para a continuação dêsse apanágio de honra: — dar filhos à milícia da Igreja, para que o Brasil mantenha, perante o Sumo Pontificado, os seus créditos de maior nação católica do Continente!